

Carl Einstein em busca de concisão textual e da poesia absoluta

Maria Aparecida Barbosa¹

Titel: Carl Einstein auf der Suche nach Dichte und der absoluten Poesie

Title: Carl Einstein looking for concision and absolute poetry

Palavras-chave: Carl Einstein – poesia absoluta – concisão – modernismo – artes plásticas

Schlüsselwörter: Carl Einstein – absolute Poesie – Dichte – Moderne – Kunst

Key-words: Carl Einstein – absolute poetry - concision - modernism - art

Apresentação do Problema

Para obter efeitos de objetividade, alucinação, antilirismo, a linguagem parece empregar recursos como concisão, cisão, visão, dissolução. Investigo essa questão nos textos ensaísticos e poéticos de Carl Einstein, o que é essencial no processo de tradução e estudo dessa obra literária.

Carl Einstein foi um escritor e crítico de arte, judeu, que nasceu em 26.04.1885 na cidade de Neuwied e cometeu suicídio a 05.07.1940, nas proximidades de Pau, no sul da França, acuado pelo avanço das tropas nazistas.

Embora fosse um homem enraizado em seu tempo, o que fica patente em suas participações como editor, por exemplo, do periódico "Der blutige Ernst" e noutros, era ao mesmo tempo um pensador se rebelando contra o peso da tradição, das convenções

¹ Professora Associada do Curso de Letras - Alemão e membro do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Email: aparecidabarbosaheidermann@gmail.com.

Barbosa, M. A. – Carl Einstein poesia, concisão

esclerosadas, se engajando *avant la lettre* nas lutas por algo libertador. Sua expressão literária se destacou com *Diletantes do Milagre – Bebuquin*, publicado em doze capítulos na revista "Die Aktion" (1912), periódico de orientação política esquerdista. Contendo uma série de considerações sobre arte, sobre técnicas e processos artísticos, o próprio texto do romance constitui experimentação. Carl Einstein exercita a polissemia, a sinestesia, espreita novidades, invenções, e escapa do arcabouço estático através da prosa absoluta no âmbito literário cubista.

Nas artes plásticas, mais particularmente no livro *A Arte do Século 20*, composto por 461 imagens de obras plásticas e pictóricas modernistas, e pela tese de 220 páginas, Carl Einstein exige do artista uma "transformação do olhar", visando uma linguagem na pintura destituída da éfrase.

Esta comunicação propõe refletir elementos que predominam na linguagem de Einstein, tanto no livro ensaístico, como na criação poética *Bebuquin*, com vista à tradução de ambos, que está em processo.

Na Alemanha, desde os anos 80, a editora Medusa edita em 6 volumes *Carl Einsteins Werke*. O seu mais completo trabalho, *Die Kunst des 20. Jahrhunderts* (A Arte do Século 20), integra o volume 5. O prefaciador do volume 5, Uwe Fleckner, escreveu a minuciosa biografia intelectual: *Carl Einstein und sein Jahrhundert – Fragmente einer intellektuellen Biographie*. Akademie Verlag, 2006.

Carl Einstein se instalou a partir de 1928 na França, onde trabalhou até 1931 como diretor da *Documents*, revista de etnologia, antropologia, artes, que era editada em Paris por Georges-Henri Rivière e Georges Bataille e contava com a participação de Michel Leiris. Ele colaborou com diversos artigos sobre a arte de Picasso, Braque, Juan Gris etc.² Através da arte de André Masson ele enaltece as opções do surrealismo pela alucinação, imaginação. Escreveu ensaios sobre arte, uma série de estudos sobre a arte africana: inclusive no ano de 2015 *Les arts de l’Afrique* foi publicada pela Acres Sud Jacqueline Chambon, com apresentação e tradução de Liliane Meffre, pesquisadora que é referência na França e na Europa dentro dos estudos sobre Carl Einstein.

No Brasil, em 2011, a Editora da UFSC lançou um ensaio desse crítico de arte até então inédito no Brasil, *Negerplastik* [Escultura Negra]. À época da publicação pela

² Esses estudos estão sendo atualmente publicados pelo selo Armazém da Editora Cultura e Barbárie, na Ilha de Santa Catarina.

Barbosa, M. A. – Carl Einstein poesia, concisão

Verlag der weißen Bücher de Leipzig, em 1915 – durante a Primeira Guerra Mundial – *Negerplastik* representara um marco na pesquisa e na valorização da arte africana, pois chamou a atenção para as soluções que essa escultura oferecia para questões de perspectiva que a arte europeia formulava na época.

A edição de *Negerplastik* no Brasil foi organizada por Liliane Meffre, que assina a apresentação sobre a inquietude do autor, ator em vários âmbitos artísticos, e sobre os vínculos entre modernismo e artes primeiras (antigamente denominadas artes tribais ou artes primitivas); Raul Antelo escreve a orelha e Roberto Conduru, professor da UFRJ, a respeito da inserção da obra de Einstein no debate hodierno concernente à suplantação das fronteiras disciplinares. Pois, não obstante seja um estudo a respeito de teoria da arte, sobretudo escultura, inclui imbricações com as artes plásticas de modo mais geral, com a história, a etnologia, a literatura e a crítica artística. Transcendendo a dimensão estética, a abordagem de Carl Einstein é considerada referência política de grande relevo porque alçou a arte africana ao patamar naturalmente devido que lhe era negado à época.

Um artigo mais circunstanciado que introduz minha pesquisa sobre Einstein, eu publiquei na Revista *Pandaemonium* em 2011, argumentando que o livro comprova sua atualidade, com a edição pela Ed. da UFSC. Para a composição das 220 páginas dedicadas às imagens de escultura africana, apresentadas para ilustrar as características abordadas no estudo, o livro brasileiro tomou como base o anexo da primeira edição alemã.

Em 2013 o autor da biografia de Carl Einstein, Prof. Uwe Fleckner, esteve no Brasil para uma palestra na UFSC no contexto do evento que organizamos, "Coleções Literárias: escrita/imagens", e na ocasião esteve também no Museu de Arte Moderna de Niterói, atendendo ao contato da Profa. Susana Kampff-Lages.

A linguagem de Carl Einstein

O trabalho de pesquisa que lhes apresento se pauta no estudo da linguagem de Carl Einstein; interessa-me como o crítico e estudioso das artes aprecia a síntese, a concisão em detrimento da narratividade, da éfrase tanto nas artes plásticas, como em sua

Barbosa, M. A. – Carl Einstein poesia, concisão

própria criação textual ensaística e poética. Para isso me baseio tanto no que ele postula para as artes plásticas no ensaio publicado em 1926, 1928 e na 3ª edição de 1931, no livro *Die Kunst des 20. Jahrhunderts*, como igualmente no que ele próprio empreende com o livro *Die Dilettanten des Wunders oder die billige Erstarrnis. Ein Vorspiel. Bebuquin – Für André Gide*, escrito entre 1906 e 1909 (Petrificação barata / Congelamento a preço módico - "ein Vorspiel": termo que talvez se refira a prólogo de um texto literário, de um romance.)

De modo semelhante a Wassily Kandinsky e Franz Marc no *Almanaque Cavaleiro Azul*, a literatura de Carl Einstein constitui o vetor enfático do Modernismo alemão, uma literatura mais hermética que busca a poesia num grau absoluto, sendo que neste caso há uma nítida autocrítica irônica. Semelhantemente à síntese do grupo de expressionistas de Munique, que chega ao abstracionismo em dado momento, não há em *Bebuquin* uma narrativa; os personagens Giorgio Bebuquin/Fräulein Euphemia/Nebukadnezar Böhm surgem e falam indistintamente como extensões da mesma figura.

Com referência à questão que se coloca sobre o que seria o "Wunder" e o "Dilettantismus", o capítulo IV oferece uma pista:

Proteja-se dos experimentos quantitativos. Na arte a quantidade, o tamanho, é completamente indiferente. Se tem alguma importância, então certamente é uma importância secundária. Trabalhar com a infinitude é puro diletantismo.³

Noções de Ganzheit/completude são, portanto, preteridas. Ao invés disso, a novela apresenta uma apresentação em encadeamentos paratáticos com diversos fragmentos de discussões filosóficas, trata-se principalmente de um pensador bastante irônico com relação à busca de uma poesia absoluta – à qual ele jamais ascende, pois é sempre atormentado e distraído em suas tentativas pelo próprio retorno ao objetivo proposto de atingir a poesia absoluta.

Vários estudos (Krämer: 1991, Fleckner: 2006, p.31; Antelo: 2011) exploraram as menções de Einstein à filosofia do idealismo alemão de Kant e Schelling, que às

3 Hüten Sie sich vor quantitativen Experimenten. In der Kunst ist die Zahl, die Größe ganz gleichgültig. Wenn sie eine Rolle spielt, so ist sie bestimmt abgeleitet. Mit der Unendlichkeit zu arbeiten, ist purer Dilettantismus.

Barbosa, M. A. – Carl Einstein poesia, concisão

vezes são inclusive explícitas. No que tange à "Totalidade", ele escreveu também um complicado ensaio homônimo, que ao invés de facilitar complica, de modo que permanece um enigma para seus perturbados intérpretes. Evidentes são, porém, em *Bebuquin* as alusões depreciativas aos empreendimentos pretensiosos, por exemplo no trecho:

Não se deixe enganar por alguns filósofos deficitários, os quais estão continuamente tagarelando sobre a unidade e as relações de todas as partes umas com as outras, suas vinculações com uma totalidade.⁴

Todavia, o protagonista Bebuquin insiste na busca do milagre de uma visão do todo⁵. A partir do capítulo 5, ele se dedica a exercícios de meditação, mantendo o olhar fixo num ponto de seu quarto: *Tem de ser possível, como outrora se pôde crer num deus que do nada criou o mundo. É constrangedor como eu nunca consigo ser perfeito. Sério, por que me falta até mesmo a ilusão da perfeição?*⁶. Ele busca uma poesia absolutamente poética, destituída de traços metafísicos, mas se contradiz, tendo em vista que, para atingir seu intento, invoca literalmente deus, a ideia que paradoxalmente buscar negar. Isso sucede no capítulo 13, quando suplica com uma prece a possibilidade da compreensão: *Senhor, dê-me um milagre, nós o procuramos desde o primeiro capítulo.*⁷

Em *Bebuquin* o escritor Carl Einstein emprega uma linguagem plástica cubista, usando expressões e figuras do campo semântico da visão: lapidar, aprimorar com o cinzel, a prata lavrada mostrava e aprimorava a cintilação das figuras, graças à lapidação precisa das pedras e ao cinzelamento lógico e total. A apresentação concisa e paratática de suas concepções de mundo se efetua por meio desses recursos que igualmente acentuam o efeito da imaginação.

De modo semelhante, assiste-se no livro *Die Kunst des 20. Jahrhunderts* que contempla a arte plástica e pictórica modernista dos três primeiros decênios do século

4 Lassen Sie sich nicht von einigen mangelhaften Philosophen täuschen, die fortwährend von der Einheit schwatzen und den Beziehungen aller Teile aufeinander, ihrem Verknüpftsein zu einem Ganzen.

5 Fleischer (Expressionismus, p. 153) distingue o procedimento da criação literária de Carl Einstein daquele de Alfred Döblin. Se para Döblin a consciência do narrador desaparece na ficção literária e se revela de forma mediata, em Einstein a consciência se manifesta pelas reflexões do narrador, e é esse o motivo da preferência pelo eu-narrador.

6 Es muß möglich sein, genau wie man früher an einen Gott glauben konnte, der die Welt aus nichts erschuf. Wie peinlich, daß ich nie vollkommen sein kann. Doch warum fehlt mir sogar die Illusion der Vollkommenheit?

7 Herr, gib mir ein Wunder, wir suchen es seit Kapitel eins.

Barbosa, M. A. – Carl Einstein poesia, concisão

20, à exigência de uma ruptura com a convenção dominante do patético, da narratividade, da descrição, e elogia-se, para além da fachada, da anedota e do lirismo, a observação.

O estudo das artes é feito com um texto bem amelódico, sem a aferição dos sons de alternâncias românticas entre frases longas com encadeamentos de conjunções, mas sincopadas. As frases são curtas, apodíticas. Para sua apreciação e vereditos, ele recorre às conclusões incisivas, sem delongas.

Demoro-me a seguir em um apanhado de expressões comprobatórias das exigências de Einstein em relação às artes pictóricas que concorrem igualmente para apresentar, como afirmei, a marca do próprio texto crítico. Pois trata-se, conforme venho constatando no decorrer da tradução, de um programa de escritura crítica caracterizado pela demanda da criatividade e da concisão substantiva. Uma decorre da outra. Vez ou outra a reivindicação estética recorre polarizada na área, se distinguindo em nuances terminológicas (écfrase, descrição, concisão, brevidade, substantivo etc.).

Ao invés da livre invenção, surge o observador humilde e submisso. Justamente essa recondução da cor à luz corresponde às ciências naturais dominantes, descritivas.

Afasta-se da estúpida descrição que assegura renda, sente-se a ousadia, a experimentação planando livremente acima das coisas.

Os alemães se mantiveram mais estreitamente vinculados à descrição do motivo; aos franceses a luz se prestava antes como meio técnico de ordenar. Entre os alemães prevalecia ainda a intenção naturalista, o elã descritivo.

Mais uma vez se fazia necessário indagar se a singularidade da experiência não dependeria da realidade, se o centro e o significado de nossos atos não tenderiam para um outro foco e se se encontraria uma imediatidade humana maior que a descrição da realidade.

Tanto os alemães como os outros renunciam à descrição e valorizam as forças ativas do olhar. Primeiramente proporcionando intensidade, a partir da qual tentam uma criação livre do quadro em busca dos novos objetos picturais. Cor e desenho não eram mais passíveis de descrição dócil.

À recusa da descrição segue uma atitude primitivista. Cai por terra a complicação de ter o motivo como parceiro de igual para igual, o comportamento é ditatorial, na medida em que se exige do sujeito uma criação incisiva.

Barbosa, M. A. – Carl Einstein poesia, concisão

Esses pintores (die Brücke) procuravam o grande quadro livre. Como os fauvistas parisienses, e antes deles van Gogh, eles opunham à pintura descritiva as conjunções harmoniosas ou contrastantes de puras superfícies de cor.

No geral ele (Kirchner) evita concentrar o útil e o agradável da pintura descritiva, e dá apenas o que sente como forma vibrante das coisas. (EINSTEIN: 2016 [no prelo]: sem paginação).

Talvez um tanto extenso esse rol, porém necessário para que não fossem consideradas gratuitas e vagas as reflexões desta comunicação.

O elogio que Carl Einstein no seu livro dirige à arte capaz da síntese e das criações audaciosas pela originalidade e fecunda imaginação coincide com a admiração que João Cabral de Melo Neto na prosa e também na poesia dirige ao artista "João Miró". É também a superação da mera descrição figurativa, que para o crítico Carl Einstein não é senão um belo arranjo servil, o que atrai o poeta brasileiro.

Finalmente, ilustro com um parágrafo da incipiente tradução do romance *Diletantes do Milagre - Bebuquin*:

Nabucodonosor inclinou a cabeça sobre os volumosos peitos de Euphemia. Um espelho pendia sobre ele que via como os peitos se dividiam e brilhavam nas chapas de pedras preciosas finamente lapidadas de sua cabeça em formas estranhas como nenhuma realidade anterior lhe tinha ainda revelado. A prata cinzelada refletia e filigranava a cintilação das figuras. Nabucodonosor olhou fixamente o espelho, jubilando-se avidamente por poder decompor a realidade, por sua alma ser a prata e as pedras, seu olho, o espelho. "Bebuquin", ele gritou. E se desmantelou; porque ainda não lhe era possível suportar a alma das coisas. Dois braços o puxaram para cima e o pressionavam contra dois peitos sólidos, e volumosas e longas madeixas de cabelo lhe tombavam sobre o crânio de prata e cada cabelo aparecia sob mil formas. Ele se lembrou da mulher e meio opressivo se deu conta de que não podia mais alcançá-la através da faiscação das pedras preciosas, e seu corpo, tomado na luta entre duas realidades, quase cindido. Nisso dele se apodera uma selvagem alegria ante a ideia de que o cérebro de prata lhe rendia à condição quase imortal por potencializar cada visão. As formas do cinzelamento lhe permitiam criar uma lógica cujos símbolos visíveis coincidiam com as fissuras da cápsula. Aquilo multiplicava seu poder, ele acreditava se encontrar noutra mundo todo diferente e com prazeres renovados. Ele não entendia mais sua própria forma pelo tato, praticamente a esquecer, forma essa que se tornava dor, pois o mundo visível já não coincidia com ela. [...]

Alguém arriou as cortinas de renda.⁸

8 Nebukadnezar neigte den Kopf über Euphemias massigen Busen. Ein Spiegel hing über ihm. Er sah, wie die Brüste sich in den feingeschliffenen Edelsteinplatten seines Kopfes zu mannigfachen fremden Formen teilten und blitzten, in Formen, wie sie ihm keine Wirklichkeit bisher zu geben vermochte. Das

Referências bibliográficas

- ANTELO, RAUL. Carl Einstein: desativar a autonomia. In: Peterle, Santurbano, Barbosa (org.). *Coleções Literárias*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014. Fls. 35-48.
- EINSTEIN, C. *Die Kunst des 20. Jahrhunderts*. 3. ed. Berlin: Propyläen, 1931. (1. ed. 1926)
- _____. *As Premissas d' A Arte do Século 20*. Tradução Maria Aparecida Barbosa. Florianópolis: Selo Armazém da Editora Cultura e Barbárie, 2016. [no prelo]
- _____. *Die Dilettanten des Wunders oder die billige Erstarrnis. Ein Vorspiel. Bebuquin*. Stuttgart: Reclam, 1995.
- FLECKNER, U. *Carl Einstein und sein Jahrhundert - Fragmente einer intellektuellen Biographie*. Berlin: Akademie Verlag, 2006.
- FLEISCHER, MARION. A Realidade Precisa ser criada por nós: rumos da prosa expressionista alemã. In: Guinsburg, J. (org.). *O Expressionismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002. Fls.145-156.
- KRÄMER, T. *"Bebuquin": Romantheorie und Textkonstitution*. Würzburg: Königshausen und Neumann, 1991.

ziselierte Silber brach und verfeinerte das Glitzern der Gestalten. Nebukadnezar starrte in den Spiegel, sich gierig freuend, wie er die Wirklichkeit gliedern konnte, wie seine Seele das Silber und die Steine waren, sein Auge der Spiegel. »Bebuquin«, schrie er und brach zusammen; denn er vermochte immer noch nicht, die Seele der Dinge zu ertragen. Zwei Arme zerrten ihn auf, preßten ihn an zwei feste breite Brüste, und lange Haarsträhnen fielen über seinen Silberschädel, und jedes Haar waren tausend Formen. Er erinnerte sich der Frau und merkte etwas beklemmt, daß er nicht mehr zu ihr dringen könne durch das Blitzen der Edelsteine, und sein Leib barst fast im Kampfe zweier Wirklichkeiten. Dabei überkam ihn eine wilde Freude, daß ihm sein Gehirn aus Silber fast Unsterblichkeit verlieh, da es jede Erscheinung potenzierte, und er sein Denken ausschalten konnte, dank dem präzisen Schliff der Steine und der vollkommenen logischen Ziselierung. Mit den Formen der Ziselierung konnte er sich eine neue Logik schaffen, deren sichtbare Symbole die Ritzen der Kapsel waren. Es vervielfachte seine Kraft, er glaubte in einer anderen, immer neuen Welt zu sein mit neuen Lüsten. Er begriff seine Gestalt im Tasten nicht mehr, die er fast vergessen, die sich in Schmerzen wand, da die gesehene Welt nicht mit ihr übereinstimmte. [...] Spitzengardinen werden zusammengezogen.